

# A LITERATURA DIGITAL E OS ESTUDOS LITERÁRIOS

**Vinicius Carvalho Pereira\***

 <https://orcid.org/0000-0002-5686-1630>

**Maria Elisa Rodrigues Moreira\*\***

 <https://orcid.org/0000-0002-2177-7762>

■ **E**m uma contemporaneidade na qual fronteiras e taxonomias são constantemente postas à prova pelos processos de hibridização, mestiçagem e *remix* que embaralham nossas categorias – das mais teóricas às mais práticas –, a área de Estudos Literários assiste a uma série de mudanças epistêmicas e metodológicas. Em detrimento de um paradigma disciplinar que, ao longo de boa parte do século XX, tentou circunscrever a literatura e a literariedade com base no que se supunha ser-lhes específico (em termos do texto, sua relação com os autores, os leitores, o real, as séries literárias etc.), nos últimos 50 anos temos uma guinada para pensar a literatura sob outras perspectivas, sobretudo numa ecologia com outros polissistemas culturais.

Como evidência dessa mudança, abundam hoje na crítica especializada termos que conferem diferentes acentos a essas abordagens pós-disciplinares, a exemplo de *literatura como campo expandido*, *literaturas pós-autônomas* (com significativo destaque na marca de plural), *literatura como arte inespecífica*, *literatura e outras/(novas?) mídias*, *literaturas corais*, ou o que o valha. No âmago dessas abordagens que se acercam da literatura de um lugar exógeno e de perpétuo descentramento, talvez estejam aquelas que pretendem discuti-la para além de sua materialidade mais prototípica desde a invenção de Gutenberg: o livro impresso em formato de códice.

Porém, como Umberto Eco e Jean-Claude Carrière muito bem pontuaram na obra *Não contem com o fim do livro* (2010), não se trata aqui de pensar o fim do

\* Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil. E-mail: [viniciuscarpe@gmail.com](mailto:viniciuscarpe@gmail.com)

\*\* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [maria.moreira@mackenzie.br](mailto:maria.moreira@mackenzie.br)

livro impresso ou sua simples troca por outra mídia. Diferentemente do daguerreótipo, que de fato foi substituído pela fotografia no início do século XX, o livro como o conhecemos é ainda a formalização material mais comum da literatura, muito embora, nos termos propostos por Giselle Beiguelman no ensaio *O livro depois do livro* (2008), conviva numa zona de fricção crescente com outras mídias, das quais aqui destacamos a digitalidade.

Diante da evidente e acelerada digitalização dos objetos e práticas culturais em todo o mundo (conquanto desigualmente distribuída na lógica do tecnocapitalismo mundial), não se podem negar os efeitos do mesmo fenômeno no polissistema literário. Com sua crescente computarização, as formas de produzir, reproduzir, divulgar, distribuir, comercializar, ler, analisar ou arquivar a literatura vão sofrendo radicais transformações, mesmo nos casos em que o produto final, que chega às mãos do leitor, seja um objeto impresso.

Mais radicais ainda, no entanto, são as metamorfoses por que passam as textualidades artísticas que se valem de recursos algorítmicos para fins poéticos ou estéticos, tanto para circulação massiva, como no caso de *fanfics*, poemas em redes sociais, ou adaptações literárias para *videogames*, quanto para esferas mais experimentais eruditas, a exemplo de romances hipertextuais, geradores automáticos de narrativas ou transcrições de poemas concretos para formatos hiper-mídia. Novamente, nesse contexto, é flagrante a pluralidade terminológica que tenta dar conta de fenômenos relativamente novos, seja para nomear gêneros emergentes, como os citados na frase anterior, seja para designar o campo que os congrega, como *literatura eletrônica*, *e-lit*, *literatura digital*, *ciberliteratura*, *literatura cibernética*, *infoliteratura*...

Reconhecendo a importância de produzir, compartilhar e sistematizar saberes sobre essa cena pujante, em 2022 um grupo de pesquisadores vinculados a programas de pós-graduação de diferentes universidades brasileiras apresentou à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) a proposta de criação de um grupo de trabalho especializado no tema. No XXXVI Enanpoll, foi aprovada a criação do GT Literatura Digital (<https://anpoll.org.br/gt/literatura-digital/>), contando à época com 28 membros, sob coordenação e vice-coordenação de Vinícius Carvalho Pereira (UFMT) e Maria Elisa Rodrigues Moreira (UPM), respectivamente.

Entre uma das primeiras ações do grupo, a coordenação e a vice-coordenação do GT propuseram a organização de um número temático sobre literatura digital no periódico *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a fim de congregar estudos recentes sobre o tema na comunidade acadêmica brasileira. Assim, ao longo de 2023, foram recebidos e avaliados por regime de duplo-cego textos submetidos por membros do GT e por pesquisadores sem qualquer vinculação ao grupo, de modo a acolher estudos de variadas filiações teóricas e institucionais. Os textos aprovados compõem o dossiê que ora apresentamos com muita alegria.

Andréia Shirley Taciana de Oliveira, no artigo “A expansão do livro e da leitura: travessias entrecortadas pela tecnologia”, detém-se sobre as diversas reconfigurações pelas quais a noção de livro vem passando diante da emergência da cultura digital – entre as quais se destacam o trânsito entre o verbal e o não verbal, a utilização de imagens em movimento e sons, assim como de formatos e suportes os mais distintos –, as quais acabam por influenciar o próprio processo de leitura na contemporaneidade. Dialogando com estudiosos da cultura do

livro, como Michel Melot, Roger Chartier e Umberto Eco, entre outros, Oliveira historiciza as noções de livro e leitura, ressaltando que estes não são objetos ou práticas estanques, metamorfoseando-se continuamente ao longo do tempo e em diálogo com a sociedade que os produz e consome.

Já “Impactos da digitalização sobre a função autor e sobre os modos de acesso ao texto literário” é um ensaio crítico em que Andréa Catrópa parte das discussões sobre a função autor em Michel Foucault e Roger Chartier para refletir sobre como a autoria e a leitura do texto literário são impactadas por diferentes revoluções tecnológicas nos últimos 500 anos, da prensa de tipos móveis à popularização dos aparelhos computacionais e à interconectividade global via internet. Em sua argumentação, a pesquisadora chama a atenção para uma mudança de paradigma nos Estudos Literários, em que a ideia “descorporificada” do texto vai progressivamente dando lugar a uma discussão da literatura como materialidade inscrita, que exige da crítica uma mirada transdisciplinar e novas formas de pensar e realizar a leitura.

Na sequência, Rejane Rocha, em “Uma proposta crítico-metodológica para a análise da literatura digital brasileira”, apresenta um possível modelo crítico-metodológico para o desenvolvimento dos estudos críticos acerca da literatura digital produzida em nosso país. Para tanto, recorre a três noções que poderiam ser centrais nesse processo: a noção de “descrição”, tal qual abordada por Néstor García Canclini; a noção de “médium”, a partir das reflexões de Régis Debray; e a noção de sistema literário, na perspectiva desenvolvida por Itamar Even-Zohar. A partir desses conceitos, a pesquisadora propõe a leitura de *Odiolândia*, obra de Giselle Beiguelman, como “ensaio de análise” que possibilita a verificação das possibilidades e dos limites do percurso crítico e metodológico proposto.

“Sobre três escritas em literatura digital”, de Enrique Nuesch, por seu turno, traz para o cerne de seu artigo os desenvolvimentos associados à materialidade das obras literárias, em especial aqueles que remetem às dimensões corporais que permeiam o processo de leitura. Apoiando-se nas reflexões de Giambattista Vico, Northrop Frye e Maurice Merleau-Ponty atinentes ao tema, elabora o que chama de um “sobrevoo” pela história da literatura digital, fornecendo aos leitores um importante panorama histórico de sua constituição e desenvolvimento. Em seguida, aprofunda-se sobre a leitura feita por Frye dos três tipos de escrita propostos por Vico – a escrita “hieroglífica”, a escrita “heroica” e a escrita “vulgar” –, observando como estes se articulam com a literatura digital, num percurso que inverte aquele associado à literatura não digital.

Carina Ochi Flexor e Cleomar de Sousa Rocha, em “A experiência de leitura e a centralidade dos protocolos do sistema-livro”, discorrem sobre a experiência de leitura em ambiente digital e buscam estabelecer os protocolos de leitura associados especialmente ao livro digital. Tomando como referência a discussão de Roger Chartier sobre os protocolos de leitura pertinentes à cultura livresca, os pesquisadores postulam que as transformações materiais que atingem o livro no contexto digital também reconfiguram as práticas de leitura a ele associadas, as quais serão delineadas a partir das interfaces gráficas dos diferentes artefatos tecnológicos.

Em “O que nos ensina a teoria da remediação sobre literatura digital para crianças e jovens?”, Edgar Roberto Kirchof adota uma perspectiva teórico-metodológica de grande importância nos estudos de mídia, a teoria da remediação de Richard Grusin e Jay David Bolter, para analisar obras da literatura digital

infantil. O pesquisador exemplifica como as principais lógicas de remediação – imitação, aprimoramento, remodelagem e absorção – estão presentes, respectivamente, em obras como a versão digital do livro *O chefão lá do morro*, disponível na plataforma “Árvore”; a adaptação digital do livro *Malala* na plataforma “Eu leio para uma criança”; o *appbook Wuwu & Co.: a magical picturebook*; e a animação *Namoo*, vídeo não interativo em 360°. O autor conclui que o construto teórico da remediação e suas categorias subjacentes são úteis à análise dessas e de outras obras de literatura digital infantil, desde que suas fronteiras conceituais não sejam adotadas de modo inflexível.

Já em “A reflexão metacognitiva sobre as camadas semióticas da literatura infantil digital contribui para a criação de estratégias de leitura?”, Mônica Daisy Vieira Araújo e Ana Maria Margallo refletem sobre as estratégias de leitura demandadas do público infantil que se debruça sobre obras literárias digitais. Para o desenvolvimento dessa reflexão, as autoras se valem dos dados de uma pesquisa experimental realizada com crianças brasileiras, de 8 a 10 anos de idade, que leram parte da obra digital *O Rei do Rio de Ouro*, de John Ruskin, publicada pela StoryMax, na qual foi observado como essas crianças desenvolveram, a partir de reflexões metacognitivas atinentes aos potenciais dos distintos modos semióticos presentes na obra, estratégias leitoras que lhes permitiriam uma melhor compreensão do material lido.

Maria Rosa Duarte de Oliveira, em “Formas sobreviventes: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, do livro ao hiperlivro”, apresenta um projeto de hiperlivro digital de mesmo título que o romance canônico de Machado de Assis. O projeto foi desenvolvido por pesquisadores do Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP e reorganiza o texto machadiano como redes rizomáticas de blocos conectados por *hiperlinks* que reproduzem vínculos associativos entre capítulos, passagens, expressões e referências externas. Além de apresentar o projeto, a pesquisadora discute como este se esteia no fato de que o romance de Machado fora também construído por uma série de interconexões e referências cruzadas, tanto entre partes internas ao texto quanto por remissões ao universo extraliterário oitocentista em que vivera o autor. O artigo conclui que a atualização do romance para novos formatos, a exemplo do hipertexto digital, mantém-no, paradoxalmente, como um clássico, capaz de ressoar para além de seu tempo e com potencial para falar aos leitores mais jovens, formados já em ambientes de hiperconexão móvel.

Em seguida, no artigo “Clip-poemas de Augusto de Campos: por uma poesia ainda mais concreta”, Verônica Daniel Kobs investiga nove poemas concretos (“Luxo”, “TVgrama 2”, “Ininstante”, “Sem saída”, “O pulsar”, “Criptocardiograma”, “Pessoando”, “SOS” e “Cidade / city / cité”) e sua transcodificação para a mídia digital no formato de clip-poemas (termo usado pelo próprio Augusto de Campos). Do ponto de vista metodológico, a pesquisadora organiza o *corpus* em três eixos, nos quais aborda a palavra em movimento, as relações intersígnicas e as tecnologias de diferentes tempos. A análise destaca como variados recursos semióticos são mobilizados nas formas impressas e digitais desses textos, sugerindo que a computação gráfica potencializa os ideais concretistas que vigoraram nos anos 1950 no Brasil.

No artigo “*Palavras de festim: transcodificação na poesia concreta de Manoel Bispo Corrêa*”, de Ingrid Lara de Araújo Utzig, acompanhamos o desenvolvimento de um projeto de recriação digital do último livro de Corrêa, poeta paraense

radicado no Amapá. O projeto toma como pressuposto a existência de uma relação entre a poesia concreta e a poesia digital, tal qual abordada por Christopher Funkhouser, e prevê o lançamento de um *site* que arquivará o livro recorrendo a três diferentes linguagens de programação: HTML, Javascript e CSS. Até o momento, foram elaborados três ciberpoemas oriundos do livro *Palavras de festim*, o qual é associado ao movimento concretista amazônica, cujas características centrais comuns ao Concretismo – como a manipulação poética da forma e do conteúdo das palavras – são acrescidas da proposição de uma estética peculiar, vinculada à cor local e a imagens da floresta e das águas.

Já em “Você tem uma nova notificação?: vestígios da referência intermediária na produção literária eletrônica de Wattpad”, Jennifer da Silva Gramiani Celeste e Rogério de Souza Sérgio Ferreira analisam a ocorrência de referências intermediárias em textos publicados na plataforma virtual de autopublicação literária Wattpad. O *corpus* selecionado para análise foi constituído exclusivamente por textos ficcionais com um mesmo recurso narrativo: a transposição de diálogos no WhatsApp ou sessões de comentários no Instagram. Os resultados da pesquisa mostram que são numericamente relevantes os textos no Wattpad que remediavam os aplicativos supracitados, especialmente no universo das *fanfics*, para simular conversas entre personagens. Nesse contexto, o fazer narrativo envolve a emulação da linguagem dessas personagens, referências conversacionais aos universos reais ou ficcionais a que pertencem, a reprodução de interfaces dos *apps* e a construção de certos modos de usar o WhatsApp ou o Instagram pelas personagens.

Em “A vida literária em uma comunidade de fãs *on-line*”, Sayonara Amaral de Oliveira adentra o amplo e complexo universo da *fanfiction*, analisando uma comunidade brasileira em específico, a *Nyah! Fanfiction*, em busca do entendimento dos modos pelos quais as pessoas se articulam nessa rede com o intuito de fomentar a produção, a distribuição e o consumo literários, assim como acabam também colocando em discussão os processos de legitimação dos produtos artísticos. Ao apresentar as diversas estruturas organizacionais que permeiam a comunidade em pauta, a pesquisadora evidencia o quanto as plataformas dedicadas tanto à escrita quanto à leitura de *fanfictions* se assentam sobre um entendimento do sistema literário que destaca a dimensão da colaboração, a qual se viu facilitada pelos recursos digitais.

No artigo “Digital *versus* impresso: preferências e experiências de influenciadores literários e de seus seguidores”, Camila Alves de Melo apresenta os resultados de pesquisa desenvolvida a partir da observação de perfis e canais de quatro influenciadores literários no tocante às suas preferências relacionadas aos suportes de leitura. Os dados por ela levantados indicam uma grande flexibilidade desses influenciadores, cujas práticas leitoras se dão tanto no suporte impresso quanto no digital, sendo permeadas pela identificação das vantagens e desvantagens de cada um deles, mas também pelas relações de afeto e consumo que se associam aos objetos literários.

Elizabeth Gonzaga de Lima, em “Mutações da escrita literária em modo multi e metamídia”, encerra nosso dossiê refletindo sobre as formas literárias híbridas originadas das múltiplas linguagens midiáticas que passaram a reverberar sobre a literatura. Para tanto, elege a crônica e o *blog* como objetos de análise, a primeira por ser oriunda da confluência entre o texto literário e o texto jornalístico, e o segundo por seu caráter inovador no cenário da produção literária digital,

## DOSSIÊ

emergindo nos anos 1990 como espaço virtual que passa a ser, paulatinamente, explorado para a escrita e a circulação de textos literários. Suas conclusões apontam para a abertura de diferentes formas de experimentação com o literário provocadas por um cenário digital no qual a cultura participativa e o protagonismo do leitor são incentivados.

Dada a diversidade e riqueza dos textos que compõem este número temático da *Todas as Letras*, recomendamos fortemente a leitura dos artigos e agradecemos a todos os autores e a todas as autoras por sua contribuição.